

SENTINDO O VALOR DAS EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS
PARA A APRENDIZAGEM:
RELATO DE DUAS SITUAÇÕES VIVIDAS COM
CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Circéia Amália Ribeiro *

RIBEIRO, C. A. Sentindo o valor das experiências significativas para a aprendizagem: relato de duas situações vividas com crianças hospitalizadas. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 17(3):179-203, 1983.

O trabalho relata duas experiências vividas, pela autora, junto a crianças hospitalizadas. Na primeira há descrição do comportamento de uma criança recém-admitida ao hospital, e são comentados os motivos do mesmo. A segunda é uma experiência de relacionamento enfermeiro-paciente com a utilização da técnica de entrevista com brincadeira, sendo comentada a mudança de comportamento da criança após a mesma. A autora ressalta o significado dessas experiências em relação à assistência e ao ensino da assistência de enfermagem pediátrica.

INTRODUÇÃO

Durante o tempo em que fui enfermeira em unidade de pediatria, vi muitas crianças tristes, chorando e chamando insistentemente pela mãe. Algumas pareciam acalmar-se após algum tempo e outras permaneciam assim até o final da internação. Sentia pena delas, procurava acalmá-las, o que muitas vezes não conseguia; porém, eu nem sempre entendia o que estava acontecendo com elas e nem mesmo a intensidade de seu sofrimento. Em algumas situações chegava a ficar irritada com a criança que chorava tanto, e também comigo, por não saber mais o que fazer para ajudá-la.

Mais recentemente, já como docente de enfermagem pediátrica da Escola de Enfermagem da USP, ao realizar o teste piloto de um trabalho de pesquisa, tive contato com duas crianças hospitalizadas recém-admitidas. Uma eu apenas observei e com a outra interagi, aplicando a técnica de entrevista com brincadeira, para auxiliá-la em sua adaptação ao hospital.

O que vou contar a seguir é o que aconteceu às crianças e o que aconteceu comigo após essas duas experiências.

* Enfermeira. Auxiliar de Ensino do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP — disciplina Enfermagem Pediátrica.

A PRIMEIRA CRIANÇA

A primeira criança, A.P., era uma menininha de quatro anos, admitida na clínica, pela primeira vez, cerca de uma hora antes da minha observação, para fim de correção de luxação congênita de quadril. A impressão que me deu foi de total desespero: chorava muito, andava de um lado para o outro no corredor da enfermaria; chamava seguidamente por seus pais, especialmente pela mãe; tentava fugir cada vez que a porta da clínica se abria; recusava-se a dialogar com as funcionárias da clínica, assim como a aceitar destas qualquer tipo de cuidado ou auxílio.

Senti que esse seu comportamento estava “perturbando” o pessoal da clínica que não sabia o que fazer para acalmá-la.

Fui embora, após uma hora de observação, deixando a criança exatamente como a havia encontrado.

À tarde do mesmo dia, voltei para observá-la novamente. Logo que entrei na clínica, antes mesmo de ver a criança, a enfermeira informou-me que ela havia sido colocada no berço e já estava bem mais calma. Realmente, ela não chorava ou reclamava mais; ao contrário, estava quieta, deitada em seu berço, evitando qualquer comunicação com alguém, segurando fortemente uma chupeta, manuseando seu próprio corpo e inclusive masturbando-se.

Saí do hospital muito triste, chocada com a mudança de comportamento da criança, preocupada por não entendê-la e não saber como ajudá-la e preocupada também em compreender o que realmente estava acontecendo com ela. Naquele momento tomei consciência da profundidade da influência da hospitalização no comportamento da criança e da minha incapacidade para trabalhar com ela.

A descrição do caso apresentado pode ser lida no Anexo I.

Procurei então literatura que me explicasse o significado dos comportamentos tão diversos que a criança apresentou de manhã e à tarde.

ROBERTSON¹⁶ aponta a sensação de abandono da criança, decorrente da separação da mãe, como a principal causa das reações à hospitalização, e descreve três fases de resposta emocional através das quais as crianças evoluem quando são hospitalizadas e não recebem cuidado adequado, que são: fase de protesto, fase de desesperança e fase de negação. A fase de protesto, é caracterizada por choro forte e contínuo, e/ou pelo chamar e procurar a mãe intensamente, e por intensidade de movimentos físicos; é decorrente da confiança que a criança tem de que será atendida pela mãe. A fase de desesperança é caracterizada pela diminuição da atividade física, choro monótono e intermitente, retração e apatia, aparentando tranqüilidade erroneamente considerada como diminuição da tensão; decorre da consciência que a criança tem da necessidade da mãe junto com uma desesperança crescente que esta

a atenderá. Durante a fase de negação, a criança se auto-defende negando a necessidade da mãe e aceitando cuidados de qualquer pessoa para que possa sobreviver, porém sem estabelecer ligação profunda com alguém.

Entendi que a A.P., durante a observação da manhã, encontrava-se na fase característica de protesto e à tarde na fase de desesperança. Como essas fases são sucessivas, pode-se afirmar que seu comportamento da manhã era mais sadio que o da tarde, pois a criança ainda tinha capacidade para expressar aquilo que estava precisando, ou seja, a presença da mãe.

BOWLBY⁴ além de descrever reações à hospitalização semelhantes às descritas por ROBERTSON¹⁶, enfatiza os perigos da privação materna para a futura saúde mental da criança; lembra que isto pode acontecer até mesmo devido a um período de hospitalização, especialmente se prolongado e principalmente em crianças até cinco anos de idade. Realmente, A.P. chamava intensamente por sua mãe, demonstrando o quanto necessitava da presença dela.

MACHADO & MACHADO¹⁰ afirmam que, devido ao trauma da separação da família, ao ambiente que lhe parece hostil e às suas próprias condições físicas, evidentemente desfavoráveis, a hospitalização representa para a criança um estresse emocional, dificilmente suportável se ela não for ajudada pelo pessoal com quem entra em contato. As reações de A.P. demonstravam, realmente, grande tensão emocional, e necessidade de apoio para enfrentar a situação.

BARTON³ descreve as reações da criança quando exposta à situação de tensão emocional, que classificou como:

— reações de dependência: comportamento de se agarrar, procurando ajuda, atenção, simpatia, consolo, afeição, proteção ou proximidade física; chama os pais ou a enfermeira e procura os pais no período de separação; insiste em receber alimentação na boca ou que outros realizem para ela atividades que já é capaz de fazer sozinha; agarra-se a um objeto favorito.

— reações de agressividade: agressão física contra pessoas: bate, chuta, morde, empurra; agressão física contra objetos; agressão verbal: ameaça, crítica, discute, culpa, exige, apresenta explosão de raiva; negativismo: responde a solicitações ou a ordens comportando-se contrariamente ao pedido, “fazendo cera” ou fingindo não ouvir.

— reações de ansiedade ou medo: reação de pânico; retraimento, apatia, ausência de afeto, resposta pouco visível, inibição para brincar; apreensão; choro prolongado; expressão verbal ou motora de medo; crise de gritos; irritabilidade, mau-humor, rabugice, gemendo, choramingando ou demonstrando impertinência; desconfiança das pessoas; mudanças na expressão facial: cora, empalidece, transpira, fica com as pupilas dilatadas, movimenta a musculatura facial; mudanças na motilidade: rigidez muscular, interrupção repentina de movimentos, inquietação, mascando

partes do corpo ou objetos, batendo-se; distúrbios de comportamento: chupa o dedo, rola no berço, bate a cabeça, masturba-se.

Analisando os comportamentos apresentados pela criança observada, de acordo com a classificação acima citada, vê-se que, nos dois períodos de observação, eles podem ser enquadrados em uma dessas três categorias de comportamento de tensão.

Tal afirmação está de acordo com dados apresentados por PRUGH¹⁴, o qual refere que a principal reação da criança à hospitalização é a ansiedade, e esta decorre da separação da mãe, especialmente até os quatro anos de idade.

Agora compreendo a intensidade do sofrimento e da tensão que a hospitalização impõe à criança e o quanto ela pode piorar, se não for corretamente atendida. Entendo também que as reações que ela apresenta decorrem não só deste sofrimento e desta tensão, mas também de uma tentativa de se proteger e se adaptar à situação nova e difícil que é obrigada a enfrentar, especialmente quando está longe de sua mãe; e que a enfermeira precisa ser sensível para captar, compreender e aceitar tais comportamentos como um pedido de ajuda da criança, a fim de poder auxiliá-la a enfrentar a situação.

A SEGUNDA CRIANÇA

A segunda criança, A., era um menino de cinco anos, internado, também pela primeira vez, havia quatro dias, com o diagnóstico de pé torto e aguardando cirurgia corretiva.

Encontrei-o encostado à parede do corredor da clínica, próximo à porta de entrada, afastado de todos, chorando muito e pedindo para ir para casa.

Como eu estava fazendo treinamento para aplicação da técnica de entrevista com brinquedo, convidei-o para brincar, o que aceitou.

Inicialmente, muito tristonho, apenas manuseou os brinquedos, mas depois brincou intensamente, especialmente com material hospitalar, "dando" injeções em um outro paciente que chamou para brincar com ele. Ao final da sessão, enquanto guardávamos os brinquedos, perguntou-me se eu voltaria no dia seguinte; eu lhe respondi que não. Aí então, ele olhou para mim e começou a chorar e ao mesmo tempo a falar de seu desejo de voltar para casa. Conversei com ele, explicando-lhe o motivo e a finalidade de sua hospitalização. Em seguida, ainda chorando, A. falou-me de seus problemas em relação à hospitalização: queixou-se do hospital, de seu médico, da falta de informação, da incompreensão da enfermeira, da falta de visitas, das saudades de casa, da comida do hospital. Após, parou de chorar e passou a falar das coisas que iria fazer para resolver os seus problemas.

A descrição do caso apresentado pode ser lida no Anexo II.

Fiquei espantada! O menino fraco e choroso, tornou-se suficientemente forte para falar de seus problemas e procurar soluções para eles. Senti-me satisfeita por tê-lo auxiliado e fiquei também motivada para entender melhor como o brinquedo pode auxiliar a criança.

MACHADO⁹ aponta que uma das funções principais do brinquedo é a dramatização de papéis ou de conflitos, que além de possibilitar o diagnóstico do conflito que a criança está vivendo, tem também função curativa, pois funciona como uma “válvula de escape” e conduz à diminuição da ansiedade pela função de catarse, isto é de alívio ou purificação do indivíduo, e que esta função é tão importante que constitui a base da técnica de psicoterapia infantil, a ludoterapia.

PRUGH¹⁴ recomenda o uso do brinquedo como uma das medidas para diminuir o sofrimento da criança hospitalizada.

Revedo o caso apresentado e estudando bibliografia a respeito, identifiquei que o brinquedo possibilitou as ocorrências que relatarei a seguir.

Em primeiro lugar o brinquedo possibilitou o *início de nosso relacionamento*. Percebi que o brinquedo é um meio bastante eficaz para facilitar a aproximação da enfermeira à criança; é como se a enfermeira passasse a falar a linguagem da criança.

BARTON² afirma que o brinquedo é um instrumento efetivo de enfermagem que possibilita à enfermeira estabelecer relacionamento com a criança e obter informações relativas aos conceitos e sentimentos da criança sobre a sua doença e hospitalização, a fim de estabelecer metas para a assistência de enfermagem.

A segunda ocorrência foi a *oportunidade que a criança teve para dominar uma provável situação vivida no meio hospitalar com conseqüente relaxamento da tensão*, através do manuseio de material hospitalar e dramatização da situação de exame físico e aplicação de injeção.

ERICKSON⁶ considera o brinquedo como parte integrante da vida da criança e concorda com Freud, Piaget e Erikson os quais afirmam que a criança usa o brinquedo para interiorizar uma situação difícil, e se fortalecer no sentido de enfrentá-la, dominá-la ou torná-la suportável; fazem isto através da dramatização e da repetição de uma atividade que determine situação de estresse. A autora enfatiza ainda que a técnica não diretiva da entrevista com brinquedo deve ser utilizada pelas enfermeiras como um recurso para identificarem os sentimentos das crianças.

Segundo GREEN⁸, o procedimento desagradável de receber injeção se torna mais suportável para a criança quando ela dramatiza a situação, porque isto faz com que ela não se sinta tão impotente em face de tal procedimento, uma vez que também pode realizá-lo e assim descarregar sua tensão. Para FREUD⁸ isto acontece porque a criança passa da

passividade da experiência para a atividade do jogo, e se vinga transferindo a experiência desagradável para um brinquedo.

Um terceiro fato que se verificou durante a brincadeira, foi o *grande sentimento de prazer por poder brincar*, o que foi inclusive verbalizado pelo menino.

Informa MACHADO⁹ que, segundo o casal Buhler, “a característica essencial do brinquedo infantil não está no material usado ou no resultado obtido, mas na atitude subjetiva da criança durante essa atividade, a qual é a vivência de um prazer específico tão intenso que por si só justifica a grande necessidade de atividade lúdica da criança”.

PETRILLO & SANGER¹³ consideram o brinquedo de grande importância para a criança hospitalizada, porque, além de propiciar-lhe oportunidade de reorganizar sua vida por diminuir sua ansiedade, permite que realize em parte, aspectos normais da vida. Realmente, o brincar é algo que a criança realiza em sua vida, normalmente.

O quarto acontecimento decorrente da entrevista com brincadeira foi a oportunidade que a criança teve de *sentir-se aceita e compreendida*: em nenhum momento da entrevista o menino foi criticado pelo que estava fazendo; teve liberdade para chamar quem quis a fim de brincar com ele e, também, para brincar sozinho quando quis, assim como para assumir um papel e realizar a atividade que desejasse.

ERIKSON⁷ afirma que o brinquedo solitário da criança em face de um adulto simpático é como um abrigo seguro para o reconhecimento das emoções fragmentadas, após períodos de rudes situações sociais.

Segundo BARTON², através do uso da entrevista com brinquedo, a enfermeira pode comunicar aceitação, informação e valores à criança.

Para MOUSTAKAS¹² é fundamental que, numa entrevista com brincadeira, a criança perceba o terapeuta como aceitando-a, compreendendo-a e respeitando seus pensamentos e sentimentos, a fim de que possa ter a oportunidade de travar relacionamento pessoal significativo com um adulto e sentir-se livre para se expressar sem reservas ou condições.

AXLINE¹ esclarece que um dos princípios básicos para o desenvolvimento de uma ludoterapia é que o terapeuta estabeleça um sentido de permissividade no seu relacionamento com a criança, de forma que esta se sinta livre para expressar por completo seus sentimentos.

Outro aspecto importante que aconteceu em nosso relacionamento e que acredito tenha auxiliado a criança foi o fato de *ter recebido explicação sobre o motivo da hospitalização, sua necessidade e que a mesma teria um fim, com sua volta para casa*.

Para MORAES¹¹, um dos motivos do desespero da criança hospitalizada é a falta de conhecimento do que está acontecendo com ela.

A mesma autora também ressalta que, quando assistida devidamente e informada de sua situação, a criança demonstra ego forte, isto é, é capaz de perceber sua realidade, de interpretá-la positivamente e de reagir, adaptando-se ao hospital, mesmo enfrentando a ansiedade da separação.

Realmente, pela mudança de comportamento da criança pode-se afirmar que houve fortalecimento do ego de A.

Segundo DENYES⁵ a atuação adequada da enfermeira junto a uma criança deve permitir que esta use a enfermeira para conseguir um ego forte. A autora define os termos ego forte, recursos *do ego e respostas comportamentais* da seguinte maneira:

- “ego forte é a capacidade do indivíduo para a organização de suas respostas aos estímulos internos e externos, de maneira que o capacite a agir inteligentemente e eficientemente, e a controlar seus impulsos e seu meio ambiente para conseguir satisfação e prazer, ou diminuição de tensão”;
- “recursos do ego referem-se àqueles processos psicológicos que se desenvolvem dentro de um indivíduo e são dirigidos para lidar com os estímulos internos e externos, de modo que o habilite a buscar satisfação e prazer, ou diminuir a tensão”;
- “respostas comportamentais: incluem ações observáveis e expressão de sentimentos”.

DENYES⁵ descreve as seguintes respostas comportamentais como sendo indicadoras de criança saudável ou de ego forte: protesta diante de tratamentos; expressa verbalmente sentimentos de prazer, raiva e desconforto; procura ajuda fazendo perguntas; procura ativamente pessoas para ser confortada; usa pessoas acessíveis para receber apoio; aceita dependência quando apropriada; inicia atividades independentes; sai, explora e brinca livremente; encara a realidade de experiências desagradáveis; persiste em tentativas para resolver seus problemas, brincando e verbalizando.

Lendo a descrição do caso, Anexo II, podemos identificar que, antes de brincar, A. apresentava comportamento que pode ser classificado como comportamento de ansiedade. Durante a entrevista com brincadeira ele inicialmente manuseou os brinquedos, mas após assumiu um papel e então brincou realmente. Após a entrevista com brincadeira apareceram comportamentos que, segundo DENYES⁵, são característicos de criança possuidora de ego forte: expressou verbalmente sentimentos de prazer, raiva e desconforto; procurou ajuda fazendo perguntas; procurou-me para receber apoio; brincou e verbalizou o que sentia, na tentativa de resolver seus problemas; e no final tomou decisões sobre o que iria fazer para resolver seus problemas e verbalizou-as.

Quanto a mim, como enfermeira, passei a acreditar no valor da entrevista com brinquedo, como terapia para a criança, e na importância de seu uso como valioso instrumento de enfermagem para facilitar a

assistência emocional à criança hospitalizada. Concordo com ERIKSON ⁷ quando ele afirma: “através do brinquedo podemos ajudar o ego de uma criança a ajudar-se a si mesmo”.

O SIGNIFICADO DESSAS EXPERIÊNCIAS PARA MIM

A experiência com essas duas crianças foi de alto significado para mim. Sinto que houve uma mudança em mim quanto à percepção da intensidade do sofrimento da criança e, também, do quanto é importante para a criança sentir apoio e o quanto a enfermeira pode fazer por uma criança.

Passei a acreditar no valor terapêutico do brinquedo, constando a mudança de comportamento que houve na criança. Passei a acreditar mais em mim, como sendo uma enfermeira capaz de auxiliar uma criança a enfrentar uma situação difícil, como a de hospitalização.

Fiquei ainda altamente motivada a continuar estudando a respeito dos dois assuntos: a hospitalização e o uso do brinquedo na assistência de enfermagem.

Por que isto aconteceu comigo? O que determinou que esta experiência tivesse um significado tão grande para mim?

Identifico estarem presentes, nesta minha experiência, os elementos citados por ROGERS ¹⁵ como integrantes de uma experiência significativa, e que são indispensáveis para que ocorra aprendizagem. Tais elementos são:

- a experiência significativa tem a *qualidade de envolvimento pessoal*: a pessoa como um todo, tanto sob o aspecto sensível, quanto sob o aspecto cognitivo, inclui-se no processo de aprendizagem;
- ela é *auto-iniciada*: mesmo quando o primeiro impulso ou estímulo vem de fora, o senso da descoberta, do alcançar, do captar e do compreender vem de dentro;
- ela é *penetrante*: suscita modificação no comportamento, na atitude, talvez mesmo na personalidade do educando;
- ela é *avaliada pelo educando*: este sabe se, através da experiência, está indo ao encontro de suas necessidades, e se ela está sendo esclarecedora para suas dúvidas;
- sua *essência é que a experiência tenha significado* para o educando *durante todo período* em que se realiza.

Realmente, entendo que não foi só o meu conhecimento a respeito dos assuntos tratados neste trabalho que se modificou; houve também mudança nos meus sentimentos e no meu comportamento. E isto aconteceu porque a experiência não foi simplesmente mais uma pela qual passei; ao contrário, ela passou dentro de mim. Eu mudei.

É isto que entendo como aprendizagem, ou seja: é a mudança de conhecimento, de comportamento e de atitude de uma pessoa em face de uma situação, tendo tal pessoa consciência das mudanças ocorridas.

Além do aprendizado de assistência de enfermagem, tal experiência também determinou em mim mudanças como docente de enfermagem pediátrica.

Sinto-me agora segura para abordar os temas aqui tratados com meus alunos e percebi quanto é mais fácil tratar com eles e orientá-los sobre os temas que já vivemos, já dominamos e que acreditamos serem integrantes de assistência efetiva de enfermagem.

Compreendi, também, que a qualidade de atendimento prestado ao paciente pelo aluno nem sempre indica o seu aprendizado a respeito porque, muitas vezes, a execução correta de uma atividade está dissociada do seu envolvimento na mesma e, portanto, não deve ser considerada como uma experiência significativa para ele.

Finalmente, tendo sentido o valor da experiência significativa para o meu próprio aprendizado, passei a preocupar-me em verificar o quanto as experiências oferecidas no curso de enfermagem pediátrica estão sendo significativas para os meus alunos, pois acredito que apenas assim ocorrerá aprendizagem.

RIBEIRO, C. A. Feeling the worth of significative experiences in learning process: experiences of a nurse with two hospitalized children. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 17(3):179-203, 1983.

This study describes two experiences of a nurse with hospitalized children. The first includes a description an explanation of the behavior of a child recently admitted to the hospital, based on the nurse's observations. The second experience involves the use of therapeutic play in a specific nurse-patient relationship, with observations of subsequent changes in the child's behavior. The author describes how these two experiences enhanced her ability to give and teach pediatric nursing care.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AXLINE, V. M. **Ludoterapia: a dinâmica interior da criança**. Belo Horizonte, Interlivros, 1972. 351 p.
2. BARTON, P. H. Nursing assessment and intervention through play. In: BERGERSEN, B. S. et alii. **Current concepts in clinical nursing**. Saint Louis, Mosby, 1969. p. 203-7.
3. BARTON, P. H. The relationship between fantasy and overt stress reaction of children to hospitalization. Gainesville, 1964. 95 p. (Doctoral Degree - University of Florida.)
4. BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo, Martins Fontes, 1981. 225 p.
5. DENYES, M. J. A child with Hirschsprung's disease uses a nurse to gain ego strenght. In: AMERICAN NURSES ASSOCIATION. **Ana clinical sessions**. New York, Appleton Century Crofts, 1968. p. 155-61.
6. ERICKSON, F. Reactions of children to hospital experience. **Nurs. Outlook**, New York 6(9):501-4, Sept. 1958.
7. ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971. 404 p.

8. FREUD, S. apud ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. p. 199.
9. GREEN, C. S. Larry thought puppet play «childish». But it helped him face his fears. **Nursing**, Horsham, 5(3):30-3, Mar. 1975.
10. MACHADO, D. V. M. O brinquedo e suas funções. **Anais Nestlé**, São Paulo, (100):54-8, 1977.
11. ——— & MACHADO, E. M. Cuidados psicológicos à criança hospitalizada. **Rev. Hosp. Clin.**, São Paulo, 11(4):206-8, jul./ago. 1956.
12. MORAES, E. Mensagem única, um modo terapêutico de tratar crianças em sofrimento: relato de uma experiência. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, 14(2):165-9, ago. 1980.
13. MOUSTAKAS, C. E. **Psychotherapy with children: the living relationships**. 3. ed. New York, Bellantine Books, 1973. 366 p.
14. PETRILLO, M. & SANGER, S. **Cuidado emocional del niño hospitalizado**. México, La Prensa Médica Mexicana, 1975. 259 p.
15. PRUGH, D. G. A study of the emotional reactions of children and families to hospitalizations and illness. **Amer. J. Orthopsychiat.**, New York, 2(31):70-106, Jan. 1959.
16. ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. 4. ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1977. 330 p.
17. ROBERTSON, J. Some responses of young children to loss of maternal care. **Nurs. Times**, London, 49(16):382-6. Apr. 1953.

ANEXO 1

Nome: A.P.

Idade: 4 anos

Diagnóstico:

«Luxação congênita de quadril»

Admissão e observação: 30/11/78

Observação do período da manhã

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
11h 15min	Chego à clínica	Na frente da porta de entrada chorando muito, chamando pela mãe, rodeada por quatro meninas maiores. Tenta sair da clínica cada vez que um adulto entra ou sai.
11h 20min	<p>Uma atendente a leva no colo para a enfermaria</p> <p>Aproxima-se uma nutricionista (N): «Como é seu nome?»</p> <p>N —: «Aqui você chama todo o mundo de tia»</p> <p>Nutricionista afasta-se</p> <p>Aproxima-se uma enfermeira (E)</p>	<p>Chora muito, ao ser colocada no chão. Sai correndo pelo corredor (deambula claudicando), pára em frente da porta de outra enfermaria, fica olhando para dentro da mesma. Continua chorando e gritando, sempre segurando uma chupeta:</p> <p>— «Mamãezinha, mãezinha».</p> <p>— «Quero a mãe, a mãe.»</p> <p>— «O mulher, cadê minha mãe».</p> <p>Sai correndo em direção a porta de entrada, chorando e soluçando, gritando pela mãe. Agacha-se junto à porta, permanece chamando pela mãe e chorando.</p>
11h 20min	<p>E — «Venha aqui conversar com a tia, ver o papá»</p> <p>E —: «Venha com a tia»</p> <p>E —: «Aqui você vai se machucar se alguém abrir a porta»</p>	<p>— «Mamãezinha, mamãe»</p> <p>— «Não! mamãe, mamãe»</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
11h 25min	<p>E —: «Papai vem mais tarde»</p> <p>E —: «Vamos lá com as outras meninas, lá tem papá gostoso»</p> <p>Enfermeira sai</p>	<p>— «Mamãe, papai, quero papai»</p> <p>— «Mamãe, mamãe, mamãe» Tenta abrir a porta.</p> <p>— «Não»</p> <p>Fica sentada no chão, encostada à porta; chora e grita alto, chamando repetidamente:</p> <p>— «Mamãe, mamãezinha, papai, quero mamãe, quero papai, papai.» Chora sem parar</p>
11h 30min	<p>Aproximo-me da criança: «Venha que a tia leva você fazer xixi»</p> <p>«Venha que eu levo você»</p> <p>«Porque você precisa ficar. Ela vem outra hora. Venha fazer xixi.»</p>	<p>— «Mãe, quero fazer xixi, quero fazer xixi, mãe»</p> <p>— «Não! quero fazer xixi na casa da mamãe!»</p> <p>— «Quero fazer xixi na casa da mamãe. Por que minha mãe foi embora? Por que minha mãe foi embora?» Fala chorando durante todo o tempo.</p>
11h 30min	<p>Aproxima-se uma atendente (AT). Afasto-me AT —: «Venha com a tia, sua mãe está no quarto.»</p> <p>AT —: «Ela foi buscar camisola. Vão por uma cama do lado da sua para ela dormir. Venha ela vai encontrar você no quarto, venha.»</p> <p>A atendente sai e volta com uma boneca na mão: — «Você</p>	<p>— Não! quero minha mãe.»</p> <p>— «Não. Porque minha mãe não está»</p> <p>— «Não.» Permanece sentada no chão, chorando.</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
11h 30min	<p>quer mamãe? Ela está lá perto da escada no fundo. Venha mamãe, espera mamãe!»</p> <p>Atendente a segura no colo</p> <p>Copeiro (COP) se aproxima com o carro de alimentação. AT —: «Sua mãe vem logo, segura esta boneca. Senhor, dê um prato de comida para ela.»</p> <p>Atendente põe a criança no chão.</p> <p>COP: — «Eu mandei chamar sua mãe»</p> <p>AT —: «Venha com a tia para papar»</p> <p>Uma escriturária (ESC) entra na enfermaria e pega a criança no colo.</p> <p>ESC —: «Não chore. Você não quer comer?» ESC —: «Não chore. Olhe, a tia já vai dar seu papá.»</p> <p>Escriturária a coloca no chão e sai</p>	<p>Estende os braços</p> <p>Pára de chorar. Vai carregada pela atendente, até a porta de uma enfermaria próxima.</p> <p>Segura a boneca</p> <p>Entra na enfermaria, chora sem parar, novamente. Anda dentro da enfermaria segurando a boneca (Emília) que a atendente lhe havia dado e uma outra bonequinha de plástico.</p> <p>Aproxima-se novamente da porta da enfermaria</p> <p>Sai andando para o corredor interno da enfermaria, chamando pela mãe.</p> <p>Chora, segurando as bonecas.</p> <p>— «Mamãe, mamãe»</p> <p>Continua chorando</p>
11h 35min	<p>Outra atendente entra na en-</p>	<p>Anda pela enfermaria, segurando as bonecas e chorando. — «Quero fazer xixi»</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
	<p>fermária. AT —: «Venha, a tia leva você para fazer». Leva a menina ao banheiro, senta-a no vaso sanitário, permanecendo a seu lado.</p> <p>AT —: «Faça xixi, faça. Pare de chorar para fazer xixi. Não vai fazer? Faça!»</p> <p>AT —: «Olhe a Emília, olhe. Você gosta da Emília? Ela chocalha. Quer fazer uma trança nela?» AT —: «Ela vai vir amanhã.»</p>	<p>Fica sentada no vaso sanitário, nele apoiando-se com as duas mãozinhas e chorando — «Mamãe, mamãe, mamãe»</p> <p>Continua chorando</p> <p>— «Eu quero a minha mãe»</p> <p>— «E meu pai?»</p>
11h 35min	<p>AT —: «Ela foi chamar o papai. Faça xixi, faça» Sai do banheiro, deixando a criança sentada no vaso.</p> <p>Entro no banheiro. —: «Você fez xixi, fez?» Passo a mão em sua cabeça.</p>	<p>Continua chorando: — «Mãe, mãe, mamãe...» Chora forte. Para de chorar. — «Mamãe, mamãe» Levanta-se do vaso sanitário, deita sua cabeça em uma cadeira, abraçando as duas bonecas.</p> <p>— «Não! quero a mamãe» Chora.</p>
11h 45min	<p>Atendente entra, levanta sua calcinha: «Venha papar venha» Sai para ver se há comida para a menina Eu me afasto fico parada num canto do banheiro.</p>	<p>Continua chorando, abraçando a boneca Emília e manuseando a bonequinha plástica. Vira a cabeça para a parede, deitando o tórax sobre a Emília; continua a manusear outra boneca, chorando continuamente, a princípio forte e depois</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
11h 50min		<p>mais fraco, escondendo o rosto com a boneca e soluçando.</p> <p>Levanta a cabeça, olha para mim, deita a cabeça nos braços novamente, virando-a para baixo. Soluça.</p>
11h 50min	<p>Saio do banheiro</p> <p>Atendente entra no banheiro: «Venha almoçar»</p> <p>AT —: «Então vamos dormir no bercinho, porque você está dormindo na cadeira»</p> <p>Atendente leva-a pela mão, até a enfermaria e a senta numa cadeira em frente a um prato de comida.</p> <p>AT: — «Olhe macarrãozinho, coma.»</p> <p>Tenta dar uma colherada de comida a criança.</p> <p>AT —: «Que menina feia, chorando, coma!»</p> <p>Afasta-se da mesa</p> <p>«Não quer comer, paciência.»</p> <p>Atendente entra: «Você quer dormir no bercinho?»</p> <p>AT —: «Ela está desmontando a boneca da outra. Se fulana souber.»</p>	<p>Choramanga, levanta a cabeça, fica soluçando olhando para frente.</p> <p>— «Não»</p> <p>— «Não»</p> <p>Não resiste ao ser levada para a enfermaria: vai andando, com uma das mãos segura a mão da atendente e com a outra abraça as duas bonecas.</p> <p>— «Não»</p> <p>Recomeça a chorar.</p> <p>Fica sentada, chorando. Levanta-se, vai para o banheiro levando as bonecas. Coloca-as sobre a cadeira e fica olhando para elas. Tira a roupa da Emília. Pára de chorar.</p> <p>— «Não»</p> <p>Permanece olhando as bonecas.</p>
11h 50min	Outra criança (CR) se apro-	

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
11h 50min	<p>xima e diz para a atendente: «Olha»</p> <p>AT —: «Deixe, depois ela esquece e eu guardo» CR —: «Eta! não pode fazer isso com a boneca dos outros»</p> <p>CR. «Ela arrancou o colar». Sai do banheiro</p> <p>Outra menina entra no banheiro, olha para ela e sai Enfermeira entra no banheiro e sorri para ela.</p> <p>Enfermeira sai.</p>	<p>Não olha para a atendente nem para a outra criança.</p> <p>— «Não». Arranca a corrente do pescoço da Emília.</p> <p>Continua manuseando a boneca e a corrente. Soluça. Larga a boneca. Olha em redor, anda em volta da cadeira. Vai até a pia, meche nos pingos de água da torneira. Vai até a porta, encosta-a (esta fica semiaberta). Volta até a cadeira, pára a pouca distância da mesma e fica olhando as bonecas.</p> <p>— «Quero minha mãe, quero minha mãe».</p> <p>Pega as bonecas esfrega-as com a barra de sua camiseta.</p> <p>— «Quero minha mãe».</p> <p>Anda até o caso sanitário, examina o encanamento da descarga, mexe na torneira da parede sem abri-la;</p> <p>— «Quero minha mãe (fala baixinho)</p> <p>Choraminga, recomeça a chorar, pára de chorar, recosta a cabeça na cadeira.</p> <p>Olha a enfermeira.</p> <p>— «Quero minha mãe»</p> <p>Choraminga, recomeça a chorar mais forte e a gritar:</p> <p>— «Quero minha mãe, quero minha mãe, quero minha mãe».</p> <p>Senta-se no chão ao lado da cadeira:</p> <p>— «Quero mamãe, quero mamãe»</p> <p>Pára de chorar, levanta-se, anda até a porta, volta para</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
<p>12h 10min</p> <p>Observação do período da tarde</p>	<p>Retiro-me.</p>	<p>perto da cadeira. Chora: — «Quero minha mãe». Sai do banheiro, entra na sala de utilidades, sai, anda até uma porta ao fundo do corredor, tenta abri-la mas não consegue. Volta à sala de utilidades, sai, entra no banheiro Recomeça a chorar e a chamar a mãe.</p>
<p>15h 10min</p> <p>15h 10min</p>	<p>Observo-a, da porta</p> <p>Entro, cumprimento as crianças e a atendente que está na enfermaria. Não responde.</p> <p>Outra criança pergunta à atendente referindo-se a ela: — «Tia como ela chama?» AT —: «Como você se chama? É A.P. né?»</p> <p>Atendente sai: — «Vou tomar café» CR —: «A.P., A.P.»</p> <p>CR —: «Você empresta a boneca para mim brincar?»</p> <p>CR —: «Tia (para mim) pega a boneca que ela emprestou para mim». Aproximo-me do berço: «A.P., posso levar a boneca para ela? ou não?»</p> <p>Deixo a boneca onde está. Afasto-me. Aproxima-se uma enfermeira: «Oi! tudo bem?»</p>	<p>Na enfermaria, deitada em um berço, decúbito dorsal, acordada, sugando a chupeta, com uma boneca jogada a seu lado. A televisão está ligada, mas a criança não está olhando para ela.</p> <p>Vira o rosto para a atendente. Não responde.</p> <p>Olha em direção à menina.</p> <p>Não responde. Passa a mão na perna e na orelha.</p> <p>Olha para mim. Nada responde.</p> <p>Olha para a enfermeira. Não responde.</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
15h 15min		Deita-se em decúbito lateral direito, olha para o lado. Mantém as mãos cruzadas sobre o tórax e as pernas abertas. Descruza as mãos. Segura a chupeta com a mão direita. Vira-se para o lado esquerdo.
15h 20min	CR —: «A.P., A.P., A.P. Me dá sua boneca».	Não olha e não responde.
15h 20min	CR —: «A.P., A.P., A.P.» Joga no chão uma revista que está folheando.	Não olha para a menina, não responde. Permanece deitada, mexendo na chupeta. Também não brinca com a boneca e nem mesmo a manuseia.
15h 25min		Passa a mão pelo rosto, solta, mantém os olhos semi-abertos. Tapa os olhos com as mãos. Tira as mãos dos olhos, coloca uma mão no rosto e com a outra manuseia a grade do berço.
15h 30min		Deita-se de costas, olha para a direita em direção a televisão, põe a mão direita sobre os genitais e com a esquerda segura a chupeta. Olha para o teto, olha para frente, fica parada nesta posição. Vira os olhos para a televisão e fica olhando para ela sem mudar de posição.
15h 40min	CR —: «Tia, guarda esta revista para mim na gaveta» (falando comigo). Passo em frente de A.P. para atender à menina.	Acompanha-me com os olhos. Vira para a direita. Permanece com uma mão no rosto, mechendo nas faces e na chupeta e com a outra sobre os genitais, manuseando-os; mantém as pernas abertas. Olha para a frente, para a televisão; não muda a posição dos membros.
15h 45min	Retiro-me da enfermaria.	

ANEXO II

Nome: A.

Idade: 5 anos

Diagnóstico: Pé torto

Admissão: 08/12/78

Entrevista com brincadeira: 12/12/78

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
15h 15min	<p>Eu: «O que foi?»</p> <p>Eu: «Quantos anos você tem?»</p> <p>Eu: «Quer brincar com a tia?»</p> <p>Eu: «Então venha. A tia empresta alguns brinquedos para você brincar um pouco».</p> <p>Eu: «Tome conta da sacola que eu vou buscar uma cadeira»</p>	<p>Chorando encostado à parede do corredor da clínica</p> <p>«Quero ir para minha casa».</p> <p>«Cinco».</p> <p>Faz que sim com a cabeça</p> <p>Acompanha-me ao quarto, até sua cama. Expressão triste-nha.</p> <p>Fica em pé junto à cama</p>
15h 20min	<p>Volto, sento-me, tiro os brinquedos da sacola: «Você pode brincar com o que quiser. Enquanto você brinca eu vou escrever, está bem?»</p> <p>Sua cama fica rodeada de outros meninos que comentam sobre os brinquedos e até os manuseiam. Pego às crianças que o deixem brincar um pouco sozinho. Aos poucos eles se afastam.</p> <p>Não entendo o que ele fala.</p>	<p>Senta em sua cama e olha para tudo o que vou mostrando.</p> <p>Parece ignorar os outros meninos. Pega o revólver, solta. Pega o boneco pai e o boneco filho, solta-os. Pega novamente o boneco pai, manuseia-o e solta-o. Pega os bonecos pai e médico, bate um contra o outro e fala algo que não se entende, solta-os. Manuseia um a um todos os bonecos, movimenta-os e conversa com eles. Esconde a boneca mãe sob o travesseiro.</p>
15h 20min	<p>Chega uma criança na maca e pára na porta da enfermaria.</p> <p>Um outro menino que está próximo à cama comenta: «Olha, ele voltou, não foi operado, está acordado».</p>	

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
15h 25min	<p>Outra criança me pergunta, olhando os brinquedos: — «Tia, você está dando para ele?». Eu: — «Não, é só para brincar um pouco».</p> <p>Eu: «Quer papel? Quer carimbar?» Entrego-lhe uma folha de papel.</p> <p>Eu: «Você sabe como tem que fazer? Quer que a tia ensine?»</p> <p>Outro menino: «Não é assim, tem que fazer mais forte»</p>	<p>Pára um instante, olha para a porta e para a outra criança. Pega o boneco pai, movimentá-o e diz: — «Oba, que beleza! eu estou contente».</p> <p>Pega um boneco plástico, solta-o. Pega a mamadeira, abre, fecha. Dá para o boneco pai dizendo: «Olha meu filhinho», solta-os: Pega o saco de carimbos, olha-os.</p> <p>Faz que sim com a cabeça. Abre a almofada de tintas e fica olhando.</p> <p>«Não, eu sei tia». Começa a carimbar.</p> <p>Carimba, uma a uma, todas as figuras. Levanta-se da cama para apanhar um brinquedo que cai no chão. Volta, fica de pé no chão carimbando sobre o criado-mudo; antes de carimbar olha a figura do carimbo. Pega a caixa de lápis de cor, abre, olha, fecha. Continua a carimbar. Olha o papel onde carimbou e aponta, uma a uma, com o indicador, todas as figuras carimbadas. Pega os lápis de cor e começa a colorir as figuras. Pinta o cavalo carimbado.</p>
15h 30min	<p>Ouçõ falarem algo, penso que é ele. Eu: «Você falou alguma coisa?»</p>	

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
15h 40min	<p>O outro sorri</p> <p>O outro diz: «Aí não tem agulha».</p> <p>O outro me pergunta: — «Tia isso é de coração?» Eu: «É.»</p> <p>Outro menino aproxima-se e diz: «Esse parece um termômetro mesmo. Olha! um ferro, uma panelinha, revólver, prato!»</p>	<p>caixa. Olha para mim, olha para trás e fala com outro menino — «Quer brinca?» Olha novamente para mim, diz: — «Tia, espera um pouquinho, tá!» Vai até a cama do outro menino e o traz até sua cama. Abre a caixa, mostra para o outro sorrindo: «Olha!»</p> <p>Pega uma seringa e diz ao menino: «Você vai tomar injeção». Aplica-a na nádega do outro.</p> <p>Pega o estetoscópio e diz ao outro: «Agora vamos ouvir o coração». Sorri o tempo todo.</p> <p>Pega a caixinha do termômetro: — «Tem termômetro!» Abre-a, tira-o da caixa e exclama: «Não é de brinquedo heim!» Coloca o termômetro sob a axila do outro e lhe diz: «Segura aí». Tira e guarda.</p> <p>Pega uma seringa maior e diz para o primeiro: «Você vai tomar uma no braço.»</p>
15h 40min	<p>O segundo menino aproxima-se mais.</p> <p>Este vai embora. O primeiro diz, apontando para a seringa: «Tem agulha quebrada».</p> <p>Eu olho: «Não, tem só a marca, o buraquinho onde fica grudada a agulha.» Devolvo-a</p>	<p>Afasta-o com a mão</p> <p>Traz a seringa para mim: «Tem agulha, tia?»</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
15h 45min	<p>Eu: «Vamos guardar os brinquedos A.?»</p> <p>Eu: «Vou».</p> <p>Eu: «Não». Levanto-me para sair.</p> <p>Sento-me novamente, olho bem em seu rosto e digo: «O que você veio fazer aqui?»</p> <p>Eu: «Olhe, A., você não vai ficar no hospital para sempre. Ninguém mora no hospital, a gente vem para se tratar. Depois que você operar o pé, você também vai embora para casa».</p>	<p>Aplica uma injeção no braço do outro. Guarda a seringa na caixa e fecha-a.</p> <p>Faz que sim com a cabeça e começa a juntar os brinquedos. Pergunta: «A senhora vai embora?»</p> <p>— «Amanhã a senhora volta?»</p> <p>— «Ó tia!» Começa a chorar. «Eu estou sofrendo muito, preciso ir embora, não gosto daqui».</p> <p>— «Operar o pé, mas até agora eu não operei, não sei o que vai ser, quero ir embora».</p>
15h 40min	<p>Outro menino fala: «Se você não comer não vai resistir na operação.» Afasta-se.</p>	<p>— «Eu sei disso tia, mas eu estou sofrendo muito aqui». (Chorando forte). «Aqui é muito ruim, não tem as coisas que a gente gosta, não tenho vontade de comer, não tem a comida que eu gosto. Não deixam a minha tia D., ela, a minha tia D., ela é minha tia de verdade, sabe? — vem vir me visitar todos os dias. Eu não sei quanto eu vou ficar, quando eu vou ser operado, quanto tempo eu vou ter que ficar depois que for operado. Acho que são uns três meses; diz que depois da operação eu não vou embora no dia seguinte, nem no outro, aí no outro eu vou embora, (fala chorando e contando os dias nos dedos), mas eu não sei. Tô sofrendo muito.</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
15h 40min	<p data-bbox="322 346 664 420">Eu: «Eu sei que aqui não é como na sua casa, mas é para você sarar do pé».</p> <p data-bbox="322 500 664 548">Eu: «Você já conversou com ele?»</p> <p data-bbox="322 821 664 869">Eu: «Então você conversa com ele, está bem?»</p> <p data-bbox="322 929 664 976">Eu: «Vamos guardar a cadeira?»</p> <p data-bbox="322 1163 490 1187">Eu: «Não sei».</p> <p data-bbox="322 1342 664 1390">Eu: «Mas eu não sei quem é ela, não conheço».</p> <p data-bbox="322 1450 664 1497">Eu: «Então você tem que pedir para a tia X.»</p>	<p data-bbox="697 194 1037 338">Já faz três dias que fui internado, já fiz os exames. Eu quero ir passar o Natal na minha casa. Eu não posso, não posso desistir da minha casa».</p> <p data-bbox="697 423 1037 493">— «Eu sei, tia, mas o médico não diz quando eu vou ser operado».</p> <p data-bbox="697 553 1037 816">— «Ele não conversa comigo. Outro dia, na visita, a tia X. (uma enfermeira da clínica) falou que ele ia falar comigo, mas ele não falou. Meu pai já disse que eu preciso conversar com o médico. Amanhã, quando ele vier, eu vou conversar com ele para saber se eu vou ser operado ou não.» Pára de chorar.</p> <p data-bbox="697 876 1037 924">— «Está». Acena que sim com a cabeça.</p> <p data-bbox="697 983 1037 1149">Vai comigo até a sala da enfermeira ajudando a segurar a cadeira e acompanha-me até a porta da saída. Enquanto andamos pergunta: «Tia, você sabe o telefone da minha casa?»</p> <p data-bbox="697 1192 1037 1328">— «Você viu uma moça que saiu daqui? Ela tem o telefone. Se você encontrar com ela pede o número e telefona para minha tia vir me ver!»</p> <p data-bbox="697 1388 1037 1436">— «Mas se você saber quem é, você pede? A tia X. sabe».</p> <p data-bbox="697 1504 1037 1552">— «É» — Anda comigo até mais perto da porta. «Sabe</p>

Hora	Comportamento das pessoas da clínica	Comportamento da criança
	<p>Um copeiro passa e fala com ele: «Oi A., tudo bem? Marcaram a sua operação?»</p> <p>Eu: «Agora a tia tem que ir embora. Tchau A.»</p>	<p>tia, eu não vou falar com ela não; eu não gosto dela, ela também é uma chata!»</p> <p>— «Não, eu não sei».</p> <p>— «Tchau, tia».</p>